

Conversações do VIII ENAPOL

ASSUNTOS DE FAMILIA, seus enredos na prática.

Buenos Aires • Setembro 2017

15. Sintomas familiares, famílias sintomáticas.

Responsável EOL: Álvaro Stella (Membro Eol-Córdoba)

Participantes: Ana Simonetti (AME, EOL-Córdoba), Fernando Vitale (AME, EOL Buenos Aires), Gabriela Salomon (Membro EOL-Buenos Aires), María Laura Errecarte (Membro EOL-La Plata), Gastón Cottino (Membro Eol-Mendoza), Carolina Aiassa (Membro EOL-Córdoba), Teresita Ruiz (Membro EOL-Santiago del Estero), Gustavo Moreno (convidado Mendoza), María Adela Pérez Duhalde (convidada La Plata), Ana Bianco (convidada Córdoba), Manuel Bau (convidado Córdoba), Patricia Soto (convidada Santiago del Estero)

Essa equipe de trabalho, constituída por colegas de diferentes lugares do país, achou a modalidade de constituir duplas de investigação com reuniões presenciais e virtuais, mas, sobretudo uma comunicação epistolar virtual que fez com que a palavra seja efetiva. Escritos que foram se acrescentando, essa modalidade propiciou trabalhos individuais nesse trabalho final. Agradeço a essa equipe produtiva.

Dispomo-nos à leitura de três pontos de partida: o argumento do Encontro, “A família ou os complexos familiares” de Jacques Lacan e “Coisas de família no inconsciente” de Jacques-Alain Miller.

Do Argumento extraímos essas perspectivas que nos aproximaram da nossa especificidade temática: “dizemos [...] o que quiseram os outros [...] nossa família, que nos fala, [ou seja,] somos falados [...] em uma trama”. Por outra parte, continua dizendo que “as famílias de onde somos falados se modificaram ao ritmo do declínio do pai”. Ali já lemos um sintoma, o declínio da função paterna e de uma ordem regente. Seguimos ao Argumento no ponto em que diz “até agora ninguém pôde escapar dos assuntos de família”. Vemos que há um fazer-se sintoma de uma família, de maneira ineludível, “o laço social encontra na família um referente necessário a partir do qual homens e mulheres se tornam mães, pais e filhos [...] para fixar, baseados nele e em seus corpos, as versões singulares do mal-entendido entre os sexos [...]”. Neste ponto o argumento abre a perspectiva que ultrapassa ao destino, à fixidez do laço do sujeito no

Outro, “obscura trama [de] destinos [...] - ao desenrolar-se revela as contingências dos acontecimentos vividos, logo transformados em necessários ao serem processados pela substância gozante que anima cada um”.

Essa perspectiva é que nos tem permitido pensar que embora *as novas configurações familiares e as novas leis, passaram do pai de família para as parentalidades, se trata sempre de funções que se distribuem*, sempre há *respostas sintomáticas* nos sujeitos que se familiarizam de alguma forma.

Falar de substância gozante é nos aproximar do último ensino de Lacan, ou seja, repensar a prática não a partir do Outro, mas a partir do Um só.

O argumento cita a Jacques-Alain Miller, em *O ultimíssimo* Lacan, onde nos convida a levar as análises para o mais além de serem falados por sua família ao sujeito, senão “reconhecer sua identidade *sinthomal* [...] ser seu *sinthoma* é separar-se [não sem um percorrido] das escórias herdadas do discurso do Outro”. O inconsciente transferencial, desde aquela perspectiva está ligado “com o discurso da própria família” e se trata de “interrogar as formas por meio das quais cada um tentou dar sentido a sua própria existência, a partir do Outro”, desse modo, trata-se de passar do Outro - causa e culpado- à insondável responsabilidade de um sozinho acompanhado por seu *sinthoma*. Alojjar os assuntos de família [...] implica deixar-se enredar [...] pela série de mal-entendidos edípicos [...] a fim de colaborar para que ele se desenrede deles no final do percurso analítico.

Os mal-entendidos míticos são os que dão início para investigar o sintomático no texto *A família*¹ de Jacques Lacan de 1938, onde lemos:

“[...] a família prevalece na primeira educação, na repressão dos instintos, na aquisição da língua justamente chamada materna. Por isso ela preside aos processos fundamentais do desenvolvimento psíquico, a esta organização das emoções segundo tipos condicionados pelo ambiente, [...] transmite estruturas de comportamento e de representação cujo jogo ultrapassa os limites da consciência [p. 9]”.

Interpretamos a organização das emoções, segundo o tipo ambiental, as estruturas de condutas e representações que ultrapassam a consciência, como modalidades condicionantes de sintomas na subjetividade. “[...] à medida que as encontramos mais primitivas”. Que tipo de primitivismo podemos interpretar aqui? De estrutura, por

¹ Lacan, J. *A Família* (1938) Ed. Assírio e Alvim. Pelas Bandas da Psicanálise, Lisboa, 1981.

exemplo? [...] “não somente um agregado mais vasto de pares biológicos, mas, sobretudo um parentesco menos conforme aos laços naturais de consanguinidade” [p. 10]. A casuística nos aproximou de modalidades de estruturas de funções mais primitivas onde o institucional público faz parte desse funcionamento e entra na escura trama de destinos, da qual fala o argumento do encontro.

Logo depois quando Lacan relata a modalidade dialética –processo dialético– da constituição dos complexos familiares como aqueles que reproduzem a realidade ambiental, nos fala:

“Neste processo é preciso reconhecer o carácter que especifica a ordem humana, [...] subversão de toda e qualquer fixidez instintiva, donde surgem as formas fundamentais, prenhes de variações infinitas, da cultura” [p. 11]

Jean-Pierre Deffieux, em *Lacan Cotidiano* 280², se pergunta se a família tem que ser necessariamente edípica, referindo-se a estas variações na cultura diz:

“[...] dentro desses novos tipos de família contemporânea se desenham estruturas que não dependem do pai edípico, famílias que não tem se constituído sobre o modelo do discurso do mestre, que não respondem à escritura da metáfora paterna, que não põem em jogo a relação do desejo e da lei a partir da proibição do gozo”.

Logo após Lacan falar na *multiformidade das manifestações do complexo, que sob formas de inibição, de compensação, de desconhecimento, de racionalização*, nos fala do efeito de *estagnação* do complexo e da rigidez no instinto, formas de interpretar o sintomático, a nosso ver. A unidade, que produzem os complexos, nos fala, é geradora dos efeitos psíquicos, como falhos, sonhos, sintomas.

“[...] tudo o que constitui a unidade doméstica do grupo familiar torna-se para o indivíduo, à medida que ele se torna mais capaz de o abstrair, o objecto duma afeição distinta daquelas que o unem a cada membro deste grupo [p. 42]”

Assim que nos aproximamos ao estádio do espelho, dentro do complexo da intrusão [p. 51], relata Lacan a experiência de sofrimento e de satisfação em dito estádio,

² Deffieux, J. -P., <http://www.lacanquotidien.fr/blog/?s=280>. 2013. Tradução livre.

perspectiva que evoca o que diz J. -A. Miller em *Os inclassificáveis da clínica psicanalítica*³ do Estádio do Espelho, como fazendo parte do aparelho do sintoma. Então, se o sintoma é experiência de sofrimento e satisfação, podemos pensar que o *fort-da* seria uma primitiva experiência de sofrimento e satisfação?

“[...] este simbolismo antropomórfico e orgânico dos objetos de que a psicanálise fez a prodigiosa descoberta, nos sonhos e nos sintomas” [p. 25-26].

Avançando na leitura nos encontramos com o complexo de Édipo, com esse enunciado que colocamos a consideração acerca de qual é seu alcance, líamos: “a ordem da família humana tem fundamentos subtraídos à força do macho” [p. 32]. Assinala uma ordem que vai além do *macho* da espécie biológica e mais além da estrutura clássica do complexo de Édipo e de suas formas patriarcais. Nossa prática nos indica que é ali onde ocorrem às perspectivas onde se jogam os elementos clínicos que dão início à singularidade do sintoma. Sublinhamos, então, a dimensão da família como aparelho de gozo. A família como um modo de resguardar o segredo do gozo como inominável. É nesse Outro campo do gozo, com a referencia do falo ou além dela, onde habita o segredo da família.

Um grande número de efeitos psicológicos [...] parecem-nos [...] o declínio social da imago paterna. Declínio condicionado pelo retorno sobre o indivíduo de efeitos extremos do progresso social, declínio que se manifesta, sobretudo nos nossos dias nas coletividades mais atingidas por estes efeitos: concentração económica, catástrofes políticas [...] Declínio esse mais intimamente ligado à dialética da família conjugal [p. 68].

Na página 68, aparece uma primeira distinção referida aos sintomas familiares, que os remete às constelações familiares: “incidências e constelações familiares que determinam os sintomas e as estruturas”. Entende-se no sentido de relação, de laço familiar no modo de uma cosmogonia que aponta para um sentido comum e ainda mágico. A família como produtora de sintoma como alienação ao Outro. Embora mais para frente nos advirtam que a causal do sintoma é mais complexa e:

[...] importa não as reduzir à abstração, [...] a produção do sintoma, a sua compreensão recuou da clara função de expressão do inconsciente a uma mais obscura função de defesa contra a angústia [p. 115]. Vemos assim que é a incidência do traumatismo no progresso narcísico que determina a forma do sintoma.

³ Miller, J.-A. e Outros, *Os inclassificáveis da clínica psicanalítica*, Paidós Buenos Aires, 1999.

Perante a angústia algo lhe acontece ao eu e algo lhe sucede ao sujeito, a defesa do eu é narcisista e a do sujeito é o sintoma. Neste ponto recorreremos à leitura de “Coisas de família no inconsciente”⁴ onde assim que começa diz Miller que na família tem tanto conflito como cumplicidade, embora o lugar do Outro se encarne na família, “a família tem origem no mal-entendido, no desencontro, na decepção, no abuso [...] no crime [junto com funções como] o Nome do Pai, o Desejo da Mãe pelos objetos a”. Miller avança e acrescenta um elemento que julga essencial na união familiar, é um *segredo* que a une em *um não dito... um desejo não dito*. Trata-se do segredo sobre o gozo, acerca de que gozam o pai e a mãe. Via pela qual se introduz o falo na família. Agora, aqui surgiu uma questão acerca de se o *segredo* é condição de existência da relação familiar. Miller esclarece, se trata da *família do inconsciente*. Isto marca uma diferença com as psicoses onde encontramos casos onde o gozo materno não tem sido proibido e a criança é objeto do gozo que o envolverá ao longo da vida. Ao introduzir o segredo se introduz, desde o não dito, os ditos, a língua que se fala como coisa de família, como o lugar onde se aprende a língua materna. Situa a família como o lugar do Outro da língua. Apresenta a perspectiva da língua que mobiliza gozo, gozo substitutivo já que o gozo como tal está proibido. Mas, como podemos pensar como o chama Miller no texto, *a fórmula de cada sujeito*, já despegada da perspectiva estruturalista?

Achamos na citação de Lacan de 19 de abril de 1977 correspondente ao Seminário 24⁵ que ao por em questão a utilização estruturalista da noção de parentesco, colocava o seguinte: “Mas, o que continua sendo completamente surpreendente é que os analisantes eles não falam senão disso”. Tal passagem impacta. Lacan surpreendido de que os analisantes não falem mais que de papai e mamãe, ainda que hoje costumássemos reclamar do contrário. Para que não fiquem dúvidas logo insiste “a insistência excessiva por parte dos analisantes em suas relações com seus parentes próximos seja, ademais, um fato que o analista tem de suportar”.

Como compreender essa mudança de perspectiva? Temos um Lacan que longe de afirmar como o fez em “Função e campo da fala e da linguagem na psicanálise”⁶:

⁴ Miller, J.-A., Assuntos de famílias no inconsciente
http://www.isepol.com/asephallus/numero_04/traducao_01.htm. Acesso em Agosto de 2017

⁵ Lacan, J., “O seminário 24”. 1977. (Inédito). Tradução livre.

⁶ Lacan, J., Escritos, Campo freudiano no Brasil. Zahar, Rio de Janeiro, p.285

[...] a descoberta de Freud é a do campo das incidências, na natureza do homem, de suas relações com a ordem simbólica [...]. Não é patente que um Lévi-Strauss, ao sugerir a implicação das estruturas da linguagem e da parte das leis sociais que rege a aliança e o parentesco, já vai conquistando o terreno mesmo em que Freud assenta o inconsciente?

Surpreende-se e tem que achar outra resposta para o que até então podia parecer óbvio. Algumas linhas adiante do Seminário 24 ele fala assim: “o analisante só fala nisso porque foram seus parentes próximos que tem lhe ensinado lalingua”. Podemos pensar então que não é que eles falam de papai e mamãe porque tem sido os suportes das funções de estrutura que sustenta sua subjetividade senão que falam de papai e mamãe porque falam da maneira em que lalingua incidiu em seus corpos. Poderíamos tomar essa referência como um modo possível de seguir escutando o discurso dos pacientes, uma vez constatado que a ordem Simbólica não é mais o que era. Faz-se assim mais clínica a diferencia entre ler o sintoma desde o Outro a ler o sínthoma como sustento de um parlêtre sem Outro. Trata-se do puro encontro com lalingua e seus efeitos de gozo no corpo. Ou seja, que devemos interpretar o sintoma como defesa contra o real sem lei e sem sentido. O real é sem lei e sem sentido.

Então, quais seriam as perspectivas clínicas e epistêmicas para pensar a relação entre família e sintoma, quando a Ordem Simbólica já não ocupa esse lugar indispensável que ocupava na cultura e em nossa prática? Quando a ciência e o mercado empurram formas inéditas que excedem uma ordem, o relegam. Liberar ao falasser do sentido no outro que o tem mortificado. Reduzir o outro a seu real. Buscar a diferença sintomática que o afasta do alienante sofrimento do sentido no outro.

De modo a concluir: a família mantém sua função por leis, cosmogonias e pela transmissão de um desejo não anônimo que causa ao sujeito no caso de neuroses. No mesmo modo se origina no mal-entendido entre os sexos que transcende os laços de parentesco e que instaura o não dito sobre o gozo secreto. O sujeito inventa sua família como um sintoma, já que toda família é sintomática devido a que se encontra no lugar da relação sexual que não existe. Os conflitos que tiveram sua origem na infância servem de tabela para que o analisante abra seus modos de laços, suas identificações e sintomas. É assim que os sintomas familiares nos conduzem nas análises ante a irrupção de um gozo éxtimo que irrompe. Trata-se de desfamiliarizar, ultrapassar a família e suas

seus personagens e arraigar no modo em que *lalíngua* tem afetado o corpo. Lacan na “Conferência em Genebra sobre o sintoma”⁷ o diz de uma maneira maravilhosa:

[...] há algo nela, [na criança], uma peneira que se atravessa, através da qual a água da linguagem chega a deixar algo para trás, alguns detritos com os quais brincaré com os quais necessariamente ele terá que desembaraçar-se [...] os restos aos quais mais tarde – porque ele é um prematuro – se agregarão os problemas do que vai lhe assustar. Graças a isto ele irá fazer a coalescência, por assim dizer, dessa realidade sexual e da linguagem.

Situar a clara dimensão do sintoma que se joga entre o que pode se pegar e o que não cessa de não escrever-se.

Tradução: Josefina Elias

⁷ Lacan, J. [1975]. “Conferência em Genebra sobre o sintoma”. In *Opção Lacaniana – Revista Brasileira Internacional de Psicanálise*, (23). Edições Eolia, São Paulo, 1998.